

# NAÇÕES MAIS RICAS, ARMADAS E ENDIVIDADAS PERDENDO A GUERRA PARA UM VÍRUS

José Menezes Gomes<sup>1</sup>

Neste momento marcado pela eclosão de mais uma etapa da crise capitalista, onde a ocorrência da pandemia dá um contorno ainda mais dramático do que a crise de 2008, temos um grande paradoxo: as nações mais ricas do mundo, mais armadas e mais endividadas passam a ser recordistas de infecção e morte pela COVID 19. Aqui veremos com mais detalhes o fato dos Estados Unidos possuírem o maior orçamento militar do planeta e o maior número de bases militares nos mais variados países, além do domínio sobre os principais meios de comunicação do mundo, enquanto ocupa o primeiro lugar em mortes e em infectados.

Na mesma direção temos entre os países mais desenvolvidos da Europa um grande espaço de ocorrência de mortes e infecção. Na busca da explicação desse fato vamos adicionar a política de austeridade na União Europeia e o processo de mercantilização da saúde estadunidense e dos limitados direitos trabalhistas que impedem que parte da população tenha acesso a licença para tratamento de saúde. Além disso, agrega-se a demora na aplicação da política de isolamento social como base para o combate a pandemia.

Em outras palavras, pretendemos mostrar o caráter de classe destes Estados, especialmente nos EUA, que impulsionam enormes gastos militares, enquanto ampliam os cortes nas despesas sociais, que abrem caminho para os efeitos devastadores da pandemia, comprometendo também a reprodução do capital, já que a economia mundial passa por uma redução da atividade que pode reduzir o tempo de rotação do capital.

Nesta direção, vale lembrar que este vírus teve início na China e rapidamente se propagou pelo mundo, especialmente nos países que resistiram em colocar em prática o isolamento social. Entretanto, o combate ao vírus não se faz apenas com a declaração do isolamento social, mas da eficácia das políticas sociais, com destaque para a política de saúde pública adotada ou não. Na China tivemos a combinação da política de isolamento social com a intervenção de política de saúde pública, que acabaram gerando meses de paralisação econômica e de controle relativo da pandemia, que resultou num número de 81.953 infectados e 3.350 mortos (dados de 11/04/2020) numa população de 1.400 milhões de habitantes.

Enquanto a China retoma a atividade os demais países começaram ao enfrentamento à pandemia. Na primeira semana de abril a China começou a flexibilizar a quarentena, mesmo com o

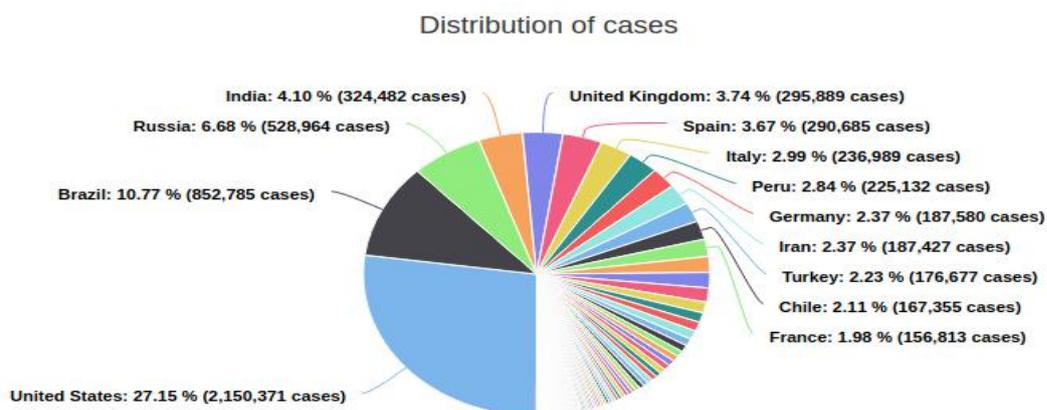
---

<sup>1</sup> \*Professor de Economia da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão e do Programa de Pós-graduação em Serviço Social. Coordenador do Núcleo Alagoano pela Auditoria Cidadã e membro da Rede de Cátedras sobre dívida pública.

risco de nova onda de contaminação, especialmente dos casos vindos de fora do país. Enquanto isso, os EUA, que num primeiro momento tinham resistido a adoção da quarentena, assumem o primeiro lugar no número de mortos de 100.000<sup>2</sup>, no final do mês de maio, de um total de infectados de 1,6 milhões mesmo tendo feito teste em 16 milhões de habitantes, de uma população de 329 milhões.

Para termos uma noção precisa da ocorrência dos casos de contaminação, em 14 de junho de 2020, o Gráfico 1 mostra que os países desenvolvidos, que foram os grandes protagonistas mantiveram sua participação, sendo EUA (27,15%), Reino Unido (3,74%), Espanha (3,67%), Itália (2,99%), Alemanha (2,37%) e França (1,98%). Enquanto isso, países como Brasil (10,77%), Rússia (6,68%), Índia (4,10%) tiveram crescimento na fase mais atual da pandemia.

Gráfico 1: Distribuição de casos do COVID 19 no mundo



Source: Worldometer - [www.worldometers.info](http://www.worldometers.info)

Na fase inicial tínhamos os EUA, Itália, Espanha, França, Reino Unido e Alemanha como epicentro do número de contaminados e de mortos, em seguida passamos a ter a ocorrência do Brasil com o segundo maior caso de contágio de 560 mil e de 32 mil mortes no início de junho. Fora do bloco dos países desenvolvidos temos também a Rússia que teve 450 mil de infectados, com o número menor de mortes de 5.500, na mesma data. Vale lembrar que os países que foram os grandes protagonistas na propagação do COVID 19, foram os mesmos que durante os trinta

2 Os números do New York Times incluem dados sobre lares de idosos, instituições voltadas para a vida assistida, instalações de assistência à memória, comunidades de aposentados e idosos e instalações de reabilitação. Ver <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/um-terco-das-mortes-por-covid-19-nos-eua-aconteceu-em-asilos-24424719>

gloriosos do pós-guerra vivenciaram o Estado de Bem-Estar Social e fazem parte da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Trata-se, portanto, de países onde as forças produtivas estavam no estágio mais desenvolvidos e com políticas tributárias progressivas.

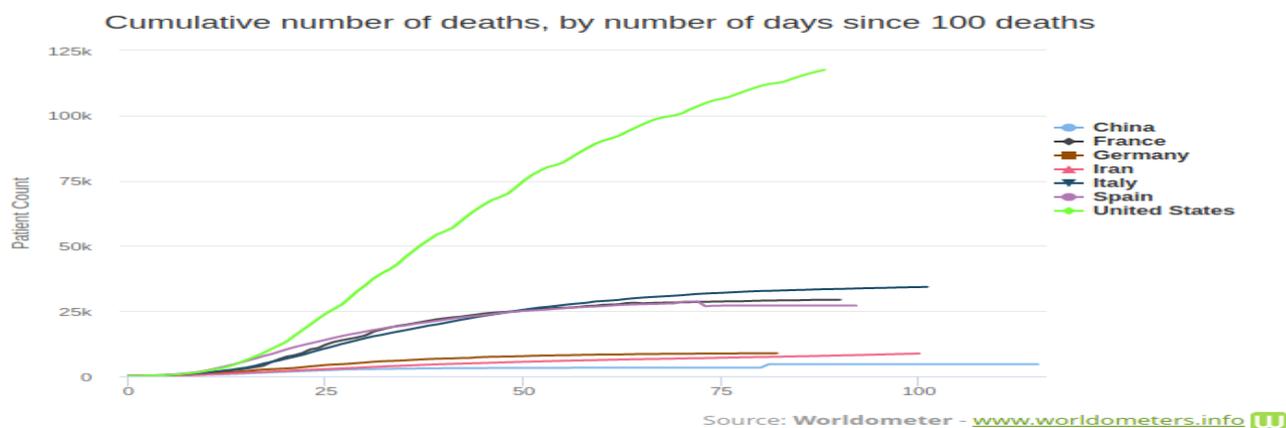


Gráfico 2: Número acumulado de mortes (por número de dias desde as 100 mortes).

Fonte:

No Gráfico 2 podemos observar que em 14 de junho de 2020, o total de infectados em 213 países era de 7.941.704, enquanto se registrava 433.953 mortos com 4.068.249 recuperados. Dentre estes países os destaques com o número de morto ficam com o EUA (117.690), Brasil (42.837), Reino Unido (41.698), Itália (34.345), França (29.398), Espanha (27.136), México (16.872), Bélgica (9.655), Alemanha (8.868) Canadá (8.146). Enquanto isso os países mais populosos apresentavam um número de mortos menor como a China (4.634) e Índia (9.520).

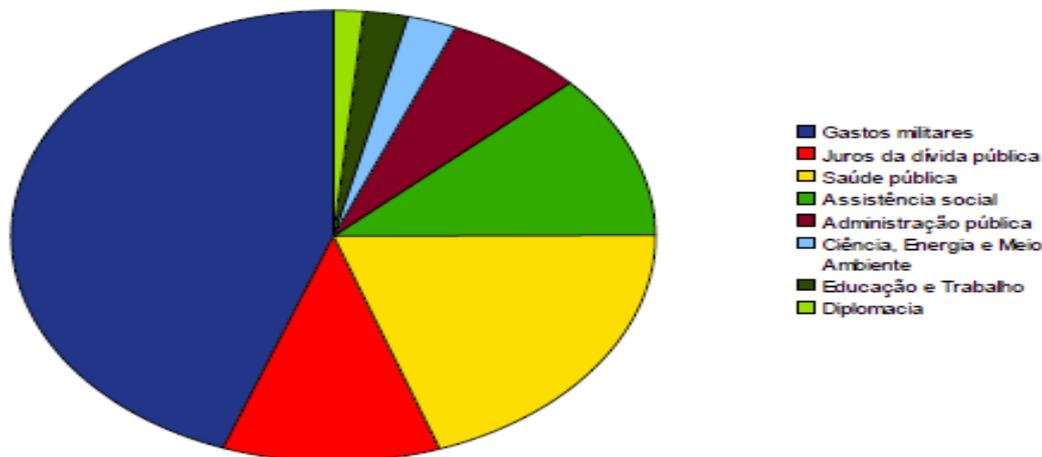
Curiosamente entre os mais atingidos não estão os países mais populosos, mas os países que fazem parte do G 7, países ricos do mundo e que juntos concentram grande parte do PIB mundial e dos gastos militares e dos gastos com o serviço das dívidas públicas. Para buscarmos compreender este fato vamos primeiro investigar os gastos militares desses países ou de que forma priorizam os gastos militares e se afastam dos gastos sociais.

No gráfico 2 podemos ver as destinações do governo federal nos EUA, com grande destaque para o dispêndio com gastos militares, representando quase metade do orçamento. Ao mesmo tempo, se destaca o valor destinado ao serviço da dívida pública. Se somarmos os gastos militares com o serviço da dívida pública veremos que se trata de um valor bem maior que o destinado para a assistência social, administração pública, ciência, energia e meio ambiente, saúde pública, educação e trabalho e diplomacia. Quanto ao valor destinado a saúde, vale lembrar que não se trata em investimento num sistema de saúde pública. Aqui ficam claro o caráter de classe daquele país, já

que prioriza os gastos para manter a sua máquina de guerra que impulsiona pelo mundo o interesse dos seus grandes monopólios, enquanto desmonta as políticas sociais que poderiam fazer com que a população de menor renda tivesse um mínimo de proteção social.

Gráfico 2: Gastos do Governo Federal dos EUA (2009).

Gastos do Governo Federal dos EUA (2009)



Fonte :

<<http://cader.no.allanpatrick.net/wp-content/uploads/2010/01/porque-contribuinte-eua-odeia-governo-federal.png>>

Os Estados Unidos, que gastam por ano acima de US\$ 700 bilhões ou R\$ 3,6 trilhões com o orçamento militar e gastaram trilhões de dólares com a salvação de grandes empresas e grandes bancos na crise de 2008, não tem o desejo para bancar um sistema saúde pública, nem mesmo para 29 milhões de americanos que não dispõem de plano de saúde privado e que estão ainda mais vulneráveis a propagação dessa pandemia.

Dessa forma, a vulnerabilidade estadunidense no sistema de saúde pública acaba por fragilizar a sua gigantesca máquina de Guerra, como ocorreu com o Porta Avião Nuclear Theodore Roosevelt<sup>3</sup> quando 550 militares foram contaminados. Neste episódio o Comandante foi destituído da função, porém aplaudido pelos ex-comandados, por ter autorizado a evacuação imediata de todos os tripulantes. Tal contaminação também ocorreu num Porta aviões Frances, neste mesmo período. Vale lembrar que este país que se caracteriza pelo extremo neoliberalismo e gasta do seu orçamento grande parte dos recursos com a corrida armamentista e com o pagamento do serviço da dívida, da maior dívida pública do mundo com 100% do seu PIB, enquanto permite a saúde ser um grande negócio, o que compromete um efetivo combate ao COVID 19.

Neste momento, é importante perguntar a serviço de quem estão essas máquinas de guerra, que podem destruir o planeta 17 vezes? Historicamente sabemos que as respectivas máquinas de guerra estão a serviço das grandes corporações monopolistas, que usam seus respectivos Estados

3 Ver <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/sobe-para-416-o-numero-de-contanimados-por-coronavirus-em-porta-aviões-dos-eua.shtml>

nacionais e o dinheiro público para a disputa pelo mercado mundial, enquanto negam a maioria da população os direitos mais básicos, especialmente na fase neoliberal. No caso estadunidense esta máquina de guerra sempre esteve na organização e de apoio a golpes militares, especialmente na América Latina, para imposição de governos comprometidos com a opressão dentro de cada país e da transferência para os grandes grupos monopolistas de parte a riqueza aqui extraída.

Todavia, apesar dos países do G7 terem um elevado gasto militar trata-se de uma tendência mundial. Segundo o Instituto de Pesquisa sobre a Paz Internacional de Estocolmo, o gasto militar mundial em 2015 foi de US\$ 1,7 trilhão ou R\$ 8,5 trilhões. Este valor era muito próximo do PIB de US\$ 1,6 trilhão ou R\$ 8,3 bilhões, quando o Brasil era a sexta economia do mundo. Estes valores se referem a soma anual de tudo o que os países gastaram não apenas com guerra e aquisição de material militar, mas também na manutenção de pessoal - incluso pensões, que ocupam uma grande parte dos orçamentos militares<sup>4</sup>. Segundo esta mesma fonte se esses governos destinassem 10% dos gastos militares anuais para o combate à pobreza e à fome, os problemas estariam resolvidos até 2030, com as metas da ONU sendo atingidas.<sup>5</sup>

Este grande papel que o gasto militar tem no orçamento estadunidense não se trata de algo restrito às últimas décadas, mas de prática recorrente na histórica econômica daquele país. Segundo Musolf (2004) a intervenção estatal, especialmente na corrida armamentista permitiu as crescentes demandas por intervenção estatal, especialmente durante e depois da Segunda Guerra transformando o governo dos EUA no principal comprador das principais indústrias estadunidenses:

A história turbulenta desse século deixou claro que o papel do Governo como principal comprador de bens e serviços não é um fenômeno passageiro. Por mais que nos esforcemos em restaurar uma imagem popular do governo como algo à parte da economia, acharíamos difícil prever um futuro em que o governo não fosse decididamente, o maior freguês individual da economia (MUSOLF, 1968, p. 129 apud GOMES, 2004).

Tal fato, não permitiu apenas ser o pentágono o maior comprador de bens privados, mas do papel central que esta política imperialista tem na defesa dos grandes monopólios estadunidense na luta pelo mercado mundial. Esta iniciativa deixa cristalino o caráter de classe os Estados Unidos, tem em priorizar os gastos militares para a defesa dos seus grandes monopólios, enquanto deixam quase 70 milhões de pessoas sem seguro saúde, que acabam ficando expostos a propagação do COVID 19. Todavia, apesar da grande utilização do fundo público para bancar a grande máquina de guerra que ameaça os governos nacionais pelo mundo, propagam a ideologia que aquele país seria o exemplo livre iniciativa, não permitindo que o fundo público financie um sistema público, enquanto usa o Estado para fins de acumulação privada.

---

4 Ver <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/09/O-mundo-gasta-US-17-trilh%C3%A3o-com-for%C3%A7as-armadas.-Por-que-esse-dinheiro-n%C3%A3o-tem-outro-destino>

5 Ver <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,10-dos-gastos-militares-acabariam-com-a-pobreza-e-fome-ate-2030,10000024869>

Esta ideologia acaba sendo a justificativa para que aquele Estado não tenha um sistema de saúde pública, onde os mais pobres não têm acesso a qualquer tipo de atendimento médico. Ou seja, aquele Estado gasta quase metade do seu orçamento com atividades militares, enquanto gasta pouco com saúde pública e acaba exposto a dimensão devastadora da pandemia, paralisando uma grande parte daquela economia.

Além disso, é bom lembrar que o uso do poder militar nos EUA foi decisivo na fase inicial, quando o exército e o dinheiro público foram usados no processo de extermínio indígena. Teve um papel decisivo nas várias guerras que levaram a expansão do seu território. Vale lembrar que nas duas grandes guerras mundiais essa máquina de Guerra foi decisiva para a sua afirmação como grande potência. Por outro lado, a Guerra Fria desde o pós-guerra até a dissolução da EX URSS, levou a afirmação do Complexo Industrial Militar e o comprometimento crescente de parte do dinheiro público para a suposta tarefa de defesa nacional que na essência é a defesa dos interesses dos grandes grupos monopolistas.

Todavia, para entendermos a dimensão dos gastos militares atuais temos que ver como se deu no decorrer do desenvolvimento capitalista, especialmente partir da fase marcada pela substituição da livre concorrência pela concorrência monopolista depois de 1870, segundo Lenin (1979). Ou seja, a formação dos grandes monopólios dentro das economias desenvolvidas e o acirramento das contradições capitalistas inauguram a fase imperialista que dá a corrida armamentista um grau mais elevado.

Souza (1985) ao analisar a especificidade do pós segunda Guerra, quando se aprofunda a internacionalização do capital, destacando o caráter do capital nacional nos países imperialistas, que ao expandir pelo mundo não respeitava mais a barreira do seu Estado nacional “significa afirmar que o projeto do capital não é necessariamente idêntico ao projeto político da nação, mas sim o de realizar-se servindo-se das nações” (SOUZA, 1985, p. 73). Para ele, tal fato iria influenciar na características das burguesias nacionais, já que as grandes corporações atuando nos demais Estados nacionais passavam a ter um papel ativo dentro de cada país<sup>6</sup>

Na introdução do neoliberalismo do início de 1980, tivemos não só a política de juros altos que amplificou o rentismo, como o início do keynesianismo bélico de Reagan, com o projeto Guerra nas Estrelas. Este momento, foi marcado por um processo de ataques aos direitos sociais e teve no processo de privatização dos serviços públicos, um caminho aberto a atuação dos capitais que antes estavam no setor produtivo, mas que não eram reinvestidos devido à queda na taxa de lucro.

---

6 No Chile, uma multinacional estadunidense teve papel ativo no apoio a derrubada de governo Allende, no início dos anos 1970.

Mais à frente tivemos a queda das Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, que serviu para justificar um novo crescimento dos gastos militares. Enquanto isso, a crise de 2008, que representou o fracasso do neoliberalismo, acabou levando Estados nacionais a praticarem um devastador uso de dinheiro público para salvar grandes empresas e grandes bancos, além de comprar grande parte de títulos podres, ao mesmo tempo que aprofundava a política de austeridade.

Vale lembrar que estes países também estão no chamado G7, grupo de países mais ricos, que foram destaques na ocorrência do Estado de Bem-Estar Social até os anos 1980, quando tem início a fase neoliberal. Portanto, são países que tem IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, mais elevados e que se pressupunha maior capacidade de enfrentar um quadro de pandemia. Dentre esses países temos o Reino Unido, que foi a grande potência e centro dinâmico da economia mundial até início dos anos 1920 e Estados Unidos, atual potência que ainda detém a hegemonia mundial. São países que possuem uma grande parte do PIB mundial e pela elevada carga tributária e pelo caráter progressivo tem uma elevada receita tributária. Tudo isso poderia implicar numa maior capacidade de enfrentamento da pandemia, já que possuem uma melhor infraestrutura.

Para explicar este paradoxo temos em primeiro lugar lembrar da resistência que estes países tiveram em estabelecer o isolamento social emergencial. Em segundo lugar, da permissão para os trabalhadores das indústrias de continuarem trabalhando. Em terceiro lugar, o desmonte dos sistemas de saúde pública resultado da prática da política de austeridade que marcou, a introdução do Euro e da ampliação da União Europeia. Em quarto lugar, da peculiaridade da saúde nos EUA, marcada pelo seu caráter privado, onde 29 milhões de estadunidense não dispõem de seguro saúde, somado aos mais de 30 milhões que perderam o emprego e por sua vez o seguro saúde. Além desses fatores temos os chamados ilegais, que estão à margem de qualquer política de saúde.

A inexistência de um Sistema Único de Saúde, do EUA, somado ao caráter mercantil que a saúde tem e a grande desigualdade social aprofundada pelas várias etapas da crise capitalistas (crise da economia.com, crise de 2008) e pelo aumento dos gastos militares a partir do 11 de setembro podem explicar porque a maior potência econômica e militar do Planeta se tornou o epicentro de propagação da pandemia.

Para tanto precisamos ver como funciona o sistema de saúde nos EUA. Mais do que isso precisamos ver como se dá as relações de trabalho naquele país. De acordo com estudo do instituto de pesquisa Center for Economic and Policy Research divulgado pelo jornal BBC News Brasil<sup>7</sup> ao comparar as políticas de 22 países com altos índices de desenvolvimento econômico e humano, revelou que os EUA são o único a não oferecer licença médica.

Desta forma, pela ausência de licença médica, muitos trabalhadores precisam escolher entre trabalhar doentes ou ficar sem salário ou mesmo perder o emprego. Todavia, aqueles que não

---

7 Ver <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51746841>

dispõem de seguro de saúde e não possuem um sistema público de saúde, acabam evitando a ida ao médico pelo alto custo da saúde privada.

Tal fato abre caminho para que alguém contaminado e sem acesso a saúde acabe transmitindo o vírus ao mesmo tempo em que o seu quadro pode se agravar e levar a óbito. Segundo o jornal BBC News Brasil “cerca de 40% dos trabalhadores no setor de serviços e quase 60% dos que trabalham em meio período não têm licença médica”. De acordo com dados do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA) de 2014, "um em cada cinco trabalhadores no setor de serviços de alimentação relataram ter trabalhado pelo menos uma vez no ano anterior enquanto estavam doentes com vômito ou diarreia".<sup>8</sup>

É bom lembrar que mesmo o governo Trump tendo sido informado da pandemia vinda da China, a ação imediata foi negar a dimensão do risco para a população, dizendo que se tratava de uma pequena gripe. Antes de adotar política de isolamento social como forma de enfrentamento, Trump passou a disseminar a ideia de que o vírus fora criado em laboratório chinês como instrumento da política de dominação chinesa pelo mundo. Todavia, quando aquele país decidiu pelo combate ao Vírus encontrou pela frente um sistema de saúde que excluía uma parte considerável da população dentro de uma medicina privada cara e fonte lucro de parte do capital imobilizado no setor. O certo é que a ocorrência da pandemia colocou em cheque o desastre das políticas sociais que sustentam a política de saúde naquele país.

Esta política de austeridade não foi exclusividade dos EUA mas praticada em grande parte do mundo, em particular na União Europeia especialmente na criação do EURO. Todavia, sua intensificação vem dos efeitos da crise de 2008, que se ampliou na Europa a partir de 2010. Sabemos que parte destas incertezas do pré pandemia vinha das tentativas de contenção das consequências da crise de 2008.

Tabela 1: Títulos de dívida interna de governos selecionados (U\$\$bilhões).

---

8 Ver <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51746841>

**Tabela 1 – Títulos de dívida interna de governos selecionados (US\$ bilhões)**

Países Selecionados	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
Todos os governos	22.165	24.152	26.772	29.441	34.018	38.887	41.059
Alemanha	1.072	1.223	1.393	1.364	1.548	1.725	1.919
Brasil	419	512	694	546	804	949	957
Espanha	407	449	496	449	604	629	737
EUA	5.918	6.230	6.593	7.895	9.472	11.154	11.606
França	1.080	1.209	1.405	1.437	1.693	1.662	1.941
Grécia	207	244	299	182	181	159	172
Itália	1.324	1.539	1.772	1.780	1.973	1.934	2.174
Portugal	98	109	124	87	99	115	137
Reino Unido	680	835	903	826	1.189	1.326	1.382

Fonte: BIS. Quarterly review. Tabela 16A, vários números.  
\* em junho 2011

Fonte: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792013000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792013000100005)

Dentro disso é importante destacar que aquela crise e a intervenção deficitária dos Estados nacionais, no sentido de salvar as grandes empresas e bancos levou a uma etapa de endividamento em seis anos que comprometeu a capacidade fiscal destes Estados nacionais. Desta forma, cada vez que faziam ajuste fiscal para pagar a crescente dívida vindas daquela crise acabavam comprometendo as políticas sociais. Na tabela acima podemos ver que todos países do mundo deviam em 2005 um total de US\$ 22 trilhões e que passaram a dever US\$ 41 trilhões em 2011. Ou seja, a conta para os países arcarem pela crise anterior já era de US\$ 19 trilhões. Portanto, a pós pandemia trará uma nova dimensão da dívida desses países em função dos recursos direcionados aos grandes grupos econômicos.

Esta redução da atividade se manteve nas principais economias desenvolvidas na União Europeia e Japão, antes da pandemia, mesmo quando os bancos centrais envolvidos praticaram políticas monetárias com taxas de juros próximas de zero. Ou seja, os grandes gastos praticados pelos Estados nacionais envolvidos não foram suficientes para a retomada economia real, servindo em grande parte para a retomada da gigantesca especulação nos mercados de ações.

Essencialmente, o banco central europeu estabeleceu uma política de austeridade para vários países da União Europeia que acabou determinando corte nas políticas sociais que impulsionaram a privatização dos serviços públicos com destaque para a saúde. Sendo assim, mesmo onde a saúde continuou pública sofreu as consequências dos seguidos cortes orçamentários. Desta forma, a redução do déficit público para agradar ao setor financeiro, que rola parte da dívida pública veio do ajuste fiscal que atacou as políticas sociais. Por outro lado, o empobrecimento social ocorrido em grande parte dos países da União Europeia resulta não só do desemprego e achatamento salarial como da redução dos direitos sociais.

Todavia, mesmo com a pratica dessa política de austeridade tivemos uma explosão da dívida pública nestes países. Segundo Genro (2015) no terceiro trimestre de 2012, ou seja, no momento

áureo de aplicação das políticas de austeridade, a dívida pública em relação ao PIB, na Zona do euro, era de 90%. Neste período, considerado financeiramente o momento de extrema gravidade para a estabilidade macrofinanceira da Zona do Euro, ela alcançara 86,6% em relação ao PIB. Por outro lado, o fracasso total das políticas de austeridade se revelava com a manutenção do desemprego entre os jovens, na Espanha, de mais de 40% e mais de 23% da força de trabalho total, com redução do poder aquisitivo dos trabalhadores assalariados de todos os setores e, além da crise devastadora nos pequenos e médios negócios industriais e de serviços.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

As motivações desta política armamentista feitas por todos os países, mas lideradas pelos países imperialistas, tem seu nascedouro na nova configuração das empresas, como a formação dos monopólios, amplificação das contradições do capitalismo e uma interpenetração dos agentes privados dentro do aparato estatal, visando não só controlar a mão do Estado para assegurar os interesses das grandes corporações dentro do território nacional, como ação destes Estados para dominar Estados e economias nacionais. Tal política além de ser responsável por uma parte crescente da dívida pública desses países acaba por comprometer as políticas sociais que poderiam contrapor os efeitos da pandemia. Todavia, o início da fase neoliberal no começo dos anos 1980 e o desmonte das políticas sociais abriram caminho para o aprofundamento do desmonte dos serviços público e por sua vez a mercantilização destes, também nos países desenvolvidos, que antes vivenciaram o chamado Estado de Bem-estar social.

O elevado número de infectados e mortos nos EUA revelam que a nação mais rica, armada e endividada do planeta não foi capaz de proteger sua população do efeito dessa pandemia. No final de maio os EUA ultrapassaram os 100 mil mortos e um milhão e seiscentos mil pessoas infectadas. Para termos uma ideia da dimensão dessas mortes precisamos comparar com o número de mortes registrados em sete décadas nas guerras da Coreia, do Vietnã, do Golfo, do Afeganistão, e do Iraque. Isto equivale a 33 vezes o número de pessoas que morreram no 11 de setembro.<sup>9</sup> É bom lembrar o Vietnã foi o primeiro país a impor uma derrota militar aos EUA. Esta guerra foi encerrada em 15 de agosto de 1973 e provocou 58 mil mortos pelos EUA e 1,1 milhões de vietnamitas, além de ter aprofundado a dívida pública estadunidense. Nos dias atuais na guerra contra este vírus, o Vietnã teria registrado uma segunda vitória sobre os EUA. Os EUA tiveram o primeiro caso de infecção pelo COVID 19 em 20 de janeiro de 2020, o Vietnã teve seu primeiro registro três dias depois. Mesmo tendo o Vietnã 95 milhões de habitantes (dados de 2018), não registrou morte até 13 de junho de 2020, enquanto os EUA com 329 milhões de habitantes no dia 13 de junho de 2020

---

9 Ver <https://theintercept.com/2020/05/28/coronavirus-eua-100-mil-mortos-trump/>

atingiram os 116.516 mortos. Vale lembrar que este número de mortos pelo COVID 19 se igualou ao número mortos militares em todas as guerras<sup>10</sup>.

Aquele Estado fez do fundo público um instrumento dos tentáculos das grandes corporações na defesa de seus interesses pelo mundo e não foi capaz de permitir um sistema de saúde pública que assegurasse o enfrentamento ao COVID 19, que tem no desmonte das políticas sociais terreno fértil para o elevado número de mortos. Além do processo de privatização da saúde nos EUA temos a desigualdade social como determinante do maior número de mortes estar entre negros, hispânicos e idosos.

A ocorrência desta pandemia deu a esta crise, em andamento, um novo patamar e ao mesmo tempo uma nova justificativa de gastos públicos, sem que se alterasse a trajetória de privatização dos serviços públicos, dentro da política de austeridade colocada em prática na maioria dos países. Desta forma, na maioria dos países se criava auxílios emergenciais para minimizar os efeitos sociais sobre os trabalhadores, que perderam o emprego ou que tinham de se manter em isolamento social, enquanto liberaram trilhões para salvar as empresas que já estavam em crise anteriormente, mas que entraram em colapso na fase atual. Tudo isso acaba por impulsionar uma nova etapa de endividamento dos Estados nacionais que mais uma vez irão recorrer aos próprios agentes privados, que serão socorridos para comprarem os novos títulos de dívida pública.

Todavia, para o pagamento da dívida pública, tanto da fase anterior como da futura estes Estados irão recorrer as políticas de ajustes fiscais que significará uma nova etapa da política de austeridade. No entanto, as desigualdades sociais que são próprias do próprio modo de produção capitalista passam a ser amplificadas à medida que se aprofunda os desmontes das políticas sociais.

Logo, podemos afirmar que entre as vítimas do COVID 19 temos, especialmente aqueles que estão mais vulneráveis a ausência de políticas sociais, que são comprometidas pela destinação histórica daquele país que sempre colocou na prioridade os gastos militares (que buscam assegurar os interesses dos grandes grupos monopolistas na busca do mercado mundial) e os gastos com o serviço da dívida pública (que asseguram a esta burguesia a obtenção de rendimentos vindos dos títulos), enquanto atribuiu ao mercado a resolução dos problemas sociais.

Estes fatos permitem que no atendimento pelo setor privado de serviços públicos fundamentais (saúde e educação) para quem pode pagar, a total mercantilização ou a possibilidade do setor privado ter mais um mecanismo de enriquecimento mediante o afastamento programático do atendimento das políticas públicas. Este fato deixa bem claro o papel de um Estado rentista clássico, que não deixa também de atuar para o setor do capital chamado produtivo, que está voltado para a extração direta de mais valia, seja dentro do seu território ou fora dele. Por outro lado, ao abandonar às políticas sociais permitem que saúde e educação se transformem em

---

10 Ver <https://theintercept.com/2020/05/28/coronavirus-eua-100-mil-mortos-trump/>

mercadoria, enquanto usam o dinheiro público para salvar as grandes corporações atingidas pela crise capitalista.

Na pandemia atual para ser combatida com eficácia precisamos analisar porque uma grande parte da população mundial, independente de ser país desenvolvido ou subdesenvolvido, não dispõe de alimentação, habitação (para o isolamento social) e especialmente de água e sabão para que se possa lavar às mãos e essencialmente de um sistema de saúde pública que permita um acesso universal? A resposta a esta questão vem da própria lógica capitalista de enriquecimento privado e do empobrecimento social, somada ao processo de privatização de todos os serviços públicos, enquanto priorizou o pagamento das respectivas dívidas públicas e do crescente gasto militar. Desta maneira, se os países mais ricos estão assim, imaginem como esta tragédia poderá ser ainda mais amplificada nos países subdesenvolvidos?

Muito se tem falado do impacto econômico da pandemia, que é evidentemente muito grande, pois não sabemos do momento do surgimento de uma vacina ou de uma medicação eficiente. Todavia, não podemos esquecer que antes do início da pandemia já tínhamos um quadro econômico bastante delicado, especialmente pela redução da atividade econômica na maioria dos países e por um elevado nível de endividamento dos Estados, bem como pelo endividamento privado.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRAUCHEY, Stuart. *As Origens do crescimento econômico americano*. Rio de Janeiro: Record, 1966.

BROWN, Michael B. *A Economia Política do Imperialismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

COOK, Fred. *O Estado Militarista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

GENRO, Tarso. Sobre a austeridade na Europa. *Revista Carta capital*. São Paulo, 2015. Acesso em 26.05.2020 em <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/europa-ideia-de-que-a-austeridade-foi-a-salvacao-e-totalmente-falsa/>

GOMES, José M. *Acumulação de Capital e Plano de Estabilização: um estudo a partir da experiência de âncora cambial na América Latina nos anos 90* / José Menezes Gomes. – São Paulo. USP: Tese de Doutorado, 2004.

MARQUES, Rosa e Nakatani, Paulo. Crise, capital fictício e afluxo de capitais estrangeiros no Brasil. *Cad. CRH* vol.26 no.67 Salvador Jan./Apr. 2013.

In:[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792013000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792013000100005). Acesso em 20.04.2020

LENIN, Vladimir. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Atlas, 1979.

MUSOLF, Lloyd. *O Estado e a Economia: promovendo o bem-estar geral*. São Paulo, Atlas, 1968

SOUZA, Herbert José. *O capital transnacional e o Estado*. Petrópolis, Vozes, 1985.

WOODWARD, Bob. *VEIL: As Guerras Secretas da CIA. (1981-1987)*. São Paulo, Best Seller, 1987.